
ESCRITAS DE SI, ESCRITAS BIOGRÁFICAS

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
Universidade Federal de Campina Grande
gaudencio_bruno@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Não é difícil encontrar textos de pesquisadores das diversas áreas das ciências sociais e humanas no Brasil que não compreendem claramente as diferenças entre a escrita biográfica e a escrita de si (ou autobiográfica). Frases como estas logo abaixo são bastante comuns em múltiplos discursos, a exemplo: “*Como pesquisador produzi uma autobiografia conduzida do personagem...*”, ou, como esta afirmativa deveras comum também na imprensa: “*O escritor acabou de escrever a sua própria biografia*”.

Ambas as passagens enfatizam o mesmo lado confuso, frágil e impreciso dos limites narrativos e de nomenclaturas existentes entre os chamados gêneros híbridos ou heterodoxos, a exemplo do diário, da biografia ou da autobiografia, que demarcam áreas do conhecimento como o jornalismo, a literatura, a antropologia, a psicologia, a sociologia e a história.

Partindo desta premissa de uma *heterogeneidade tipológica* é que pretendemos nesta comunicação traçar um sintético e sistemático panorama das diferenças existentes entre as chamadas *escritas de si* e *escritas biográficas*, investigando assim as relações epistemológicas entre as “produções do eu” e as “construções do outro” no âmbito de diferentes narrativas.

Para cumprir com tal propósito, partiremos de um diálogo com autores das mais diversas tendências teóricas e metodológicas, como Michel Foucault (1992), Ângela de Castro Gomes (2004), Phellipe Lejeune (2008), Sérgio Vilas Boas (2002, 2006), Pierre Bourdieu (2000), Contado Calligares (1998), Paul Ricouer (1991), Lilian de Lacerda (2003), e tantos outros estudiosos do século XX e XXI que se dedicaram a pensar os *lugares de escrita*, a partir das fronteiras existentes entre a ficção, a memória e a história.

Compreendemos que exista uma divisão clássica entre estes gêneros híbridos, que são: *as escritas de si* (que repartiremos entre autobiografias, diários íntimos, diário de viagem, jornais literários, cartas e correspondências, memórias, romances autobiográficos, crônicas memorialísticas, etc.) e *as escritas biográficas* (que classificaremos entre biografias, perfis e retratos, metabiografias, Histórias de vida, etc.).

É necessário de antemão que tais divisões e subdivisões trazidas neste artigo podem ser pensadas e repensadas a partir de perspectivas diferentes. No nosso caso, a idéia foi partirmos de um olhar narrativo e didático, compreendendo melhor como se cria uma “*persona escrita*”. Identificaremos desta maneira às diferenças epistemológicas entre estes dois tipos de gêneros híbridos ou heterogêneos, que alinhamos como forma de compreender didaticamente as fronteiras existentes entre ambas.

AS ESCRITAS DE SI

Escrever é mostrar-se, dar-se a ver ao outro, diz Michel Foucault (1992) em seu famoso texto *A Escrita de si*, contido na coletânea de artigos *O Que é um autor?* Nesse sentido, a escrita de si comporta uma presença quase física de quem é lido. Mais do que isso, ela escreve a subjetividade do autor nos poros do leitor, justificando a sua confissão através de uma invenção de si mesmo. Esta mesma lógica é evidenciada no também já clássico livro *O Si mesmo como o Outro*, do filósofo francês Paul Ricouer (1991), no qual existiria uma hermenêutica da prática (auto)biográfica; processo este em que o mesmo autor “produz a si mesmo e o outro”, dentro do jogo narrativo e da operação de escrita.

Para Ângela de Castro Gomes (2004), historiadora brasileira, organizadora da famosa coletânea *Escrita de si, Escrita da história*:

A escrita auto-referencial ou escrita de si integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo ocidental. Essa denominação pode ser mais bem entendida a partir da idéia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos. (GOMES, 2004, p.10)

Esta relação documental faz da autora empreender uma ampliação da noção de escrita de si, visto que ela “*abarca diários, correspondências, biografias e autobiográfica, independente de serem memórias ou entrevistas de história de vida, por exemplo*” (p.9). E mais do que isso, embasada em Foucault, a historiadora coloca ainda no mesmo patamar dentro desta lógica documental, fotografias, cartões-postais, objetos do cotidiano, que enfatizam a construção de si a partir do que ela chama de *memória de si*.

Apesar de discordarmos de que a biografia seja uma escrita de si (aspecto que vamos tratar mais a diante neste mesmo artigo), entendemos que a idéia de Ângela de Castro Gomes enfatiza a presença do indivíduo não só em sua dimensão escrita, mas também em outras

práticas de produção de si, englobando um diversificado conjunto de ações naquilo que seu corpo foi pensando na lógica material.

Concebida como uma prática narrativa que escreve a subjetividade dos indivíduos, compreendemos que há diferenças e, portanto, uma classificação dentro desta mesma *escrita de si*, visto que o sujeito se inscreve de maneiras díspares, existindo, desta forma especificidades narrativas que permitem uma diferenciação dos chamados modos ou maneira de escrita de si, como as autobiografias, os livros de memórias, os diários íntimos, as cartas, entre outras formas de narrativa em que o *eu* se destaca de maneira mais evidente.

Mas qual seriam as diferenças reais entre estes modos de escrita de si?

A escrita de si muitas vezes é confundida com a escrita autobiográfica (entendemos que a autobiografia é apenas um subgênero dentro da escrita de si, ou uma dimensão escriturária desta mesma produção). Podemos assim compreender que estas designações, como romances pessoais, diários intimistas, crônicas memoriais e romances autobiográficos, são sobreposições de uma trilogia clássica ou mais conhecida como: *diário – memória – autobiografia*. Para Lilian de Lacerda (2003) o que diferencia basicamente essas formas literárias de outras são as marcas da escritura do eu e os modos de inscrição de si mesmo, o que resultam num pacto denominado por Phelippe Lejeune (2008) de *Pacto Autobiográfico*.

Essa simplificação na classificação designada por Lilian de Lacerda (2003) é vencida pelo psicanalista Contardo Calligaris (1998), que no texto *Verdades de autobiografias e diários íntimos*, define inicialmente o que seria a autobiografia:

O escrito autobiográfico implica uma cultura na qual, por exemplo, o indivíduo (seja qual for sua relevância social) situe sua vida ou seu destino acima da comunidade a que ele pertence, na qual ele conceba sua não como uma confirmação das regras e dos legados da tradição, mas como uma aventura a ser inventada. Ou ainda uma cultura na qual importe ao indivíduo durar, sobreviver pessoalmente na memória dos outros – o que acontece quando ele começa a viver sua morte como uma tragédia, pois a comunidade pára de ser a grande depositária da vida, garantia de toda continuidade (CALLIGARIS, 1998, p.5)

Quanto à distinção doutras nomenclaturas da escrita de si, Contardo Calligaris (1998), enumera diferenças bastante didáticas e eficientes. Temos assim: *o diário íntimo (journal)*: geralmente afastado dos eventos externos, mediativo, desenvolve uma imagem de vida interior; *o diário (diary)*: anotações no dia-a-dia sem a ambição de estabelecer ou propor um *pattern*; e as *memórias (memoiris)*: anotações dos fatos, sobretudo os acontecimentos externos, como lembrar o que aconteceu anteriormente. O autor ainda salienta que essa

distinção é meramente formal e evidentemente não exclui que um escrito geralmente autobiográfico, participe de uma de um gênero, ou mesmo dos quatros ao mesmo tempo.

Apesar de concordarmos com boa parte das definições pensadas pelo autor sobre a autobiografia e as memórias, devemos pensar também numa subdivisão tipológica dentro do que seria o *diário* enquanto gênero. O *diário íntimo*, profundamente filosófico ganha em muitos países a denominação de *Jornal*, - não no sentido de periódico, mais de um livro, caderno ou qualquer coleção de pensamentos escritos, no qual alguém escreve sobre eventos com maiores detalhes. Incluem especialmente sentimentos, opiniões, crenças, esperanças, medos, reflexões, etc.

Ainda no próprio gênero diário, percebemos que existem dentro da mesma categoria outras tantas divisões. Além do *diário comum e cotidiano*, prática de escrita no qual qualquer um de nós pode escrever, temos o *diário íntimo ou jornal literário* no qual o aspecto estético prevalece mais acentuado; temos ainda o chamado *diário de viagem*, uma espécie de relato sobre espaços conhecidos em determinado país ou estado, no qual o autor empreende uma narrativa sobre os lugares por onde viajou.

Além dos diários temos também as chamadas *correspondências, ou escritas epistolares*, tipo específico de escrita de si no qual um sujeito explicita informações, sensações e revelações íntimas ao seu correspondente. Neste tipo de escrita de si as sensibilidades são aguçadas através das relações íntimas de amor e amizade existentes entre o remetente e o destinatário.

Como a autobiografia é uma forma de escritura que faz-se reconhecer por uma construção textual baseada em relatos de experiências vividas e a evocação de fatos que submeteram ao crivo do escritor, ela de certa maneira direciona as reflexões sobre a chamada escrita de si. Soma-se ainda outra característica da autobiografia: a elaboração de um registro sistemático, marcada por datas ou outras indicações cronológicas, que recuperam o passado no próprio eu – o eu narrador. Mais qual seria a real diferença entre a autobiografia e as memórias? Lilian de Lacerda (2003) chega há uma interessante compreensão:

(...) há uma marca diferencial entre a escrita autobiográfica e a de memória: refiro-me ao caráter confessional presente me todo depoimento. No texto-memória, o clima de confissão contribui para a construção de uma narrativa testemunhal e documental em que a memorialista incorpora outros narradores, personagens, lugares e fontes bibliográficas que conferem maior valor, confiabilidade e veracidade as lembranças”. (LACERDA, 2003, p.42)

Assim, percebemos que a escrita de si, também chamada de literatura confessional, como um conjunto de narrativas híbridas que perpassam compreensões discutíveis, imprecisas e frágeis de classificações, podem ser entendidas através de suas singularidades, seja de ordem estética ou conceitual. Todavia, o que une todos estas tipologias de escrita de si é justamente o “*falar ou escrever de si – como reparou Foucault (1976)*” (CALIGARES, 1998) – sendo ele um dispositivo crucial da modernidade, uma necessidade cultural, já que a verdade é sempre e prioritariamente esperada do sujeito – subordinada à sua sinceridade.

AS ESCRITAS BIOGRÁFICAS

A escrita biográfica pode ser definida como sendo uma narração de fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem, podendo ser expressada em diversas linguagens ou suportes, a exemplo dos livros (as mais comuns), dos filmes, das peças teatrais, entre outros. Para François Dosse em seu livro *Desafio Biográfico* “*a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da mimesis, e o pólo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador*”(p.55). Gênero híbrido por natureza, este tipo de escrita combina assim uma série de recursos e conceitos de vários campos do conhecimento social e humano, como a literária, a histórica, a jornalística, a psicológica, entre outros, sendo durante muitos anos alvo de várias críticas por parte de estudiosos, que a consideravam um gênero menor. Estas críticas vieram principalmente por parte dos historiadores. Mas, que motivações estão contidas nestas censuras? Segundo Vavy Pacheco Borges, a biografia seria uma prática exercida por indivíduos preocupados principalmente com o endeusamento de certos personagens e fatos históricos:

(...) a maioria das biografias realizadas não parece satisfazer os historiadores, por oscilar entre uma idealização simplista do personagem e falsas polêmicas em torno de pessoas famosas, visando a uma grande vendagem; além disso, muitas se comprazem no anedótico, não no essencial (BORGES, 2005: 213).

Atualmente este gênero vem passando por intensas transformações. Houve uma contribuição para isso essencial do conhecimento literário, jornalístico, como também do histórico, quanto às práticas de captação de informação, e principalmente quanto à construção da narrativa, que agora tem uma preocupação clara e maior quanto aos fundamentos

estilísticos e estéticos. Todavia, a principal crítica do gênero biográfico não vem de um historiador, mas sim de um sociólogo: Pierre Bourdieu. Segundo este autor, o relato biográfico (...) *propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (...) tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis*” (BOURDIEU, 2000:184). Ou seja, a escrita biográfica é um relato que estaria dentro da estrutura do romance, pois, seria, segundo o autor, “*conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar*” (Idem:185).

Depois destas reflexões tão pertinentes sobre o gênero biográfico, podemos agora pensar quais as tipologias desta escrita biográfica? Além da biografia convencional, colocamos os perfis ou retratos jornalísticos, as metabiografias e a histórias de vida.

Compreendendo a biografia como sendo uma *construção do outro*, podemos pensar que o perfil jornalístico passa pelo mesmo crivo da biografia comum, todavia numa dimensão menor e com um objetivo específico. O fator circunstancial da narrativa enfatiza a objetividade pelo qual é tratado o sujeito, bem como o enfoque, relacionado à temporalidade da qual foi produzida. No caso o do jornal ou da revista na época em que foi publicado.

Quanto à metabiografia, ela seria um tipo de escrita biográfica idealizada pelo comunicólogo Sérgio Vilas Boas, autor de uma recente tese de doutorado sobre o tema intitulado *Metabiografia e Seis Tópicos para o aperfeiçoamento do Jornalismo Biográfico*, apresentado na USP. Podemos defini-la como uma “*história de vida extensa na qual o biografado explicita os impasses inerentes o processo de biografar*”(s/d, p.73). Também chamada de biografia auto-reflexiva, para Vilas Boas, a metabiografia é um experimento em curso, uma arte inconclusa, pois sua construção envolve certas referências epistemológicas que ainda estão sendo construídos continuamente.

Na metabiografia o autor (biógrafo) se posiciona diante das soluções e impasses inerentes ao seu trabalho e trata de explicitá-los. Expõe as opções e os conflitos decorrentes da relação biografado-biográfico. Com os documentos, com as dificuldades da memória das pessoas que conviveram com o personagem, indicando as possíveis lacunas de sua produção. Há neste conceito uma noção clara de que a biografia é uma construção simbólica. Há certo repúdio a objetividade, bem como também há uma tentativa de fugir da função das chamadas ações seqüenciais cronológicas, na qual nos referimos a Bourdieu (2000) anteriormente em sua *Ilusão Biográfica*.

O personagem biografado é visto de maneira semelhante aquela utilizada pelo o esteta para interpretar uma obra de arte. “*Há uma jornada rumo à essência da construção biográfica e a essência do personagem em foco*” (IDEM). Cada fato é interpretado como um enigma estético, cuja psicologia do personagem deve ser compreendida da forma caótica e desordenada da memória e dos acontecimentos.

Por último temos a chamada *história de vida*, para muito uma metodologia, para outros uma disciplina, aliada a História Oral, ou apenas um recurso acadêmico dos mais originais. Segundo Ligia Maria Leite Pereira (2000): “*A história de vida (...) é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um narrador-sujeito e seu interprete*”. (p.118.). Diferentemente da biografia convencional a história de vida é quase sempre demarcada exclusivamente pela entrevista, no qual biógrafo parte de uma série de procedimentos como, a construção das perguntas, o recorte do texto, a montagem e a tradução (passagem da linguagem oral para a escrita), sendo assim também um procedimento investigativo, portanto com a intervenção do biógrafo a todo o momento.

Desta forma, a escrita biográfica, seja ela através da imprensa, (com seus perfis e retratos, em jornais e revistas), ou através de pesquisas científica (a exemplo da história de vida ou passando pela experiência metabiografica), tornou-se uma tipologia heterodoxa própria, no qual a escritura do outro esta presente no conjunto de métodos em que o autor escreve ao mesmo tempo a si mesmo. Visto que “*O gesto biográfico é duplo. Corresponde a uma ficção que o biógrafo elabora sobre um outro e é o auto-retrato do próprio biógrafo alterado por seu encontro com esse outro. O tema se elabora, então, pela escrita segundo uma linha ficcional*” (p.50), refere-se François Dosse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos assim ao longo deste artigo que há uma diferença entre a escrita de si e a escrita biográfica, e mais do que isso que há diferenças entre as próprias categorias dentro da lógica de cada escrita. Na primeira (escrita de si), a narrativa é prioritariamente sobre “o eu”; a dimensão privilegiada é em relação à experiência subjetiva do autor, suas lembranças, memórias, sensações. Já na segunda (a escrita biográfica) temos a narrativa sobre “o outro”, a dimensão primordial passa a valorizar um outro sujeito ou personagem, mesmo que parta de uma experiência pessoal. Todavia como apreendemos desde início neste artigo existem *as*

hibridações. Exemplos como do memorialista, quando fala mais dos outros do que de si mesmo, ou como o biógrafo escreve sobre o outro, mas relata sempre em seu texto a sua experiência individual, como é o caso da metabiografia. Todavia, defendemos que existam como necessidade didática e epistemológica, aspectos de diferenciações, para sanar as prováveis confusões, que problematizam de forma negativa ainda mais a lógica narrativa destes tipos de escrita.

Quando afirmarmos que discordávamos de Ângela de Castro Gomes (2004), na ocasião em que ela afirma que a escrita de si abarca tanto diários, correspondências, biografias e autobiográfica, é pelo fato de que a biografia seja ela um perfil jornalístico ou uma história de vida, invoca um desvio de autoria, - ou melhor, um mediador de informações, que recorta e produz um personagem a sua maneira.

Entretanto, o que fica ainda claro é que a melhor biografia é justamente aquela que realiza um “mergulho na alma” de seu biografado, conseguindo penetrar na intimidade de pessoa já desaparecida ou mesmo em vida, buscando assim a memória ou a tradição oral familiar; em memórias, autobiografias, ego-história, correspondência (ativa e passiva), diários; entrevistas na mídia (orais, escritas ou filmes, vídeos); os chamados objetos da cultura material: fotos, objetos pessoais, a biblioteca etc., que alguns chamam de “teatro da memória”. Juntando desta forma elementos de formação de identidade a partir da escrita confessional ou de sua escrita de si.

Portanto, ariscando na lógica das classificações e divisões, pretendemos de uma forma quase artesanal neste artigo, traçar um panorama das diferenças existentes daquilo que chamamos de *escritas de si* e *escritas biográficas* a partir das tipologias de gêneros híbridos ou heterodoxos, investigando as relações epistemológicas entre a “escrita do eu” e a “construção do outro”. Esperamos ter colaborando para sanar as dúvidas, ou indicar futuras pesquisas nesta área, que segundo Ângela de Castro Gomes (2004) permanece ainda tímida em todo Brasil nas diversas áreas do conhecimento das ciências humanas e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. IN: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (orgs). *Usos e abusos da história Oral*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2000. p. 183-191.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e Misérias da Biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. P. 203-233.

CALLIGARES, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Ed Fundação Getúlio Vargas, VII, nº21, 1998.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

GOMES, Ângela de Castro Gomes. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: UNESP, 2003.

LEJEUNE, Phillippe. *O Pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEVILLAIN, Phillippe. Os protagonistas: da biografia. IN: REMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 141-184.

LEVI, Giovanni. *Usos da Biografia*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p.167-182.

PEREIRA, Ligia. Algumas reflexões sobre História de vida, biografias e autobiografias. In: *Revista de História Oral*, nº3, 2000.

RICOUER, Paul. *O Si mesmo como o outro*. Campinas, SP: Papirus, 1991.

VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summuns Editorial, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. Metabiografia e Arte: um problema de aproximação. In: *Revista Comunicarte*. São Paulo: s/d. p.73-89.

VILAS BOAS, Sergio. *Metabiografia e Seis Tópicos para o aperfeiçoamento do Jornalismo Biográfico*. São Paulo: tese de doutoramento, USP, 2006.